

Conclusão final

Diante de um contexto totalmente plural em que nos encontramos, deparamo-nos com um forte pluralismo religioso que desafia as diferentes tradições. No entanto, como demonstramos, acreditamos ser este momento uma oportunidade para que as tradições religiosas possam chegar à sua profundidade, assumindo sua real vocação: a de ser caminho para que o ser humano, no mais íntimo de si, entre em contato com a Realidade Última, Deus.

Os estudos da religião levam à convicção de que o cultivo da verdadeira religião, longe de limitá-la, amplia as possibilidades da razão humana; longe de inibir a liberdade, possibilita e favorece o seu exercício, dentro do marco insubstituível da finitude que lhe é consubstancial, do mesmo modo que, longe de ser estrutura repressiva, é fonte de felicidade.

Procuramos, para isto, ampliar a concepção de Deus presente nas tradições religiosas, permitindo contemplar com mais profundidade seu mistério, que se revela maieuticamente na História e que nem sempre é percebido. Indicamos que esta Presença pode ser melhor percebida por meio de uma experiência religiosa, e que o sujeito religioso vive das mais diferentes tradições religiosas, nas mais variadas formas. Experiência esta que conduz o ser humano ao encontro com Deus, e ao mesmo tempo a voltar-se à Humanidade e a auxiliar os que estão em busca de tal caminho.

Quando refletimos sobre o homem e Deus, percebemos que o problema não é a religião, mas a dificuldade de vivê-la à altura que exige. O problema não é dizer 'Deus', mas dizê-lo sabendo o que se diz. Por isso, acreditamos que o mal-entendido adquirido na consciência moderna, entre o homem e Deus, somente será respondido quando essa palavra surgir de uma consciência que tenha entrado em contato real com Ele. Quando for a expressão de uma vontade que reconheceu a presença misteriosa que nela habita.

Quando, portanto, os religiosos dizem 'Deus', não por ouvir dizer, mas pela experiência realizada no mais íntimo de si, uma experiência pessoal de transcendência, de consentimento da sua presença amorosa, da experiência única que supõe haver 'sucumbido' a Deus.

Por consequência, procuramos propor, diante das insuficientes respostas dos mais diversos paradigmas apresentados, que o diálogo inter-religioso não aconteça propriamente no nível religioso, mas em um nível mais profundo, em uma comunhão para além das palavras e de todos os conceitos, na experiência mais profunda de todo ser religioso. Em um lugar que liberto de todo o medo da perda de identidade se pode entrar em comunhão com o diferente, com o inefável, com o Absoluto.

Em Velasco, encontramos na mística a possibilidade para que as religiões se descubram através de seus místicos junto com outros crentes e não crentes, o sinal da presença e condição da permanência da fé. Para ele, deve evitar-se no diálogo inter-religioso, o dogmatismo e a indiferença. Acreditamos após nossa reflexão sobre o tema, que nenhum sujeito religioso está mais bem preparado contra esses perigos que o sujeito místico, por se encontrar na união com Deus. Experiência que o religioso vive na mais pura fé, na mais absoluta confiança.

Essa nossa compreensão dá-se também pelas provocações que Queiruga nos faz quando diz que todas as religiões são verdadeiras, fazendo por meio de duas idéias: da revelação que se dá maieuticamente na criação e da 'eleição' como necessidade histórica. Para ele, a revelação constitui uma presença real de Deus no coração de toda a História humana, e a 'eleição' constitui uma necessidade histórica, que consiste em 'intensificar' a uns para chegar melhor a todos, eliminando o esquema: cristianismo como revelação e outras religiões como não revelação. Essa idéia elimina também o privilégio das religiões de se acharem de alguma forma as únicas verdadeiras.

Por ser então a revelação um dado constitutivo de toda religião - por ter em sua estrutura o homem como seu lugar privilegiado -, e por não existir nenhuma que possua absolutamente a Verdade, nenhuma delas pode, portanto, exaurir a riqueza do Mistério divino. No entanto, como vimos, não deve, por exemplo, o cristianismo diante desta constatação, renunciar à experiência da revelação cristã como manifestação plena e universal de Deus em Jesus Cristo. Mas, ao contrário, deve propagar a experiência cristã como dom a toda a comunidade religiosa.

A revelação que aconteceu de maneira insuperável em Jesus possibilitou o rompimento de toda particularidade. Foi em Jesus que Deus encontrou a oportunidade de entregar-se totalmente a toda a humanidade. A universalidade do cristianismo realiza-se na práxis do cristão, na sua experiência religiosa, porque

em Jesus Cristo a universalidade dá-se no próprio dinamismo da revelação, no amor com que Deus o amou e o entregou à humanidade. Assim, a autocompreensão do cristão de sua real vocação o abre às demais tradições religiosas.

A experiência de Deus dá-se por meio da experiência de fé. E essa fé impulsiona o sujeito à acolhida, à aceitação e ao seu reconhecimento com consciência de que esse contato o coloca diante de uma Presença ‘sempre já aí’. A experiência mística assim acontece por ser consequência da revelação e da fé que move o sujeito.

Deus que não cessa de querer revelar-se, nunca deixa de insinuar-se à humanidade por desejar a libertação e a felicidade do ser humano. E esta é a maior expressão do seu amor: o fato de se dar a conhecer. O sujeito, quando acolhe essa Presença, passa a ser construído desde a sua profundidade, e realiza-se como pessoa. Apenas nesta relação é possível aos homens compreender esse amor de Deus como possibilidade de ser a sua autêntica realização.

Diante do desejo de Deus em querer revelar-se e ser para o ser humano a possibilidade de sua realização, entendemos que para a situação do pluralismo religioso, em que se impõe às religiões, superar suas tendências à exclusão recíproca seja a oportunidade para o exercício da compaixão e da hospitalidade inter-religiosa.

Concluimos então, reafirmando que mesmo que o diálogo inter-religioso tenha se chocado permanentemente com o dogmatismo e com o relativismo indiferente, o cultivo da dimensão mística pode eficazmente ajudar a evitar esses obstáculos, pois o exercício da experiência mística permite captar o íntimo parentesco de todas as religiões ao pôr em contato quem a vive com a raiz de onde todas elas procedem.

E por fim, podemos dizer que a mística assume o melhor lugar para o encontro e diálogo inter-religioso. Pois nas atuais circunstâncias, sendo indispensável esse diálogo para a paz mundial, superará as diferenças quando os fiéis das várias religiões fizerem intervir nele as experiências anteriores que as sustentam e a preocupação pela melhoria e pelo progresso da humanidade que as anima. Ou seja, quando se desenvolverem os elementos místicos que todas elas compartilham.